

# Mulheres: vivências e histórias que o Lattes não conta



Emiliana Faria Rosa (Org.)

  
Diálogos

# *Mulheres: vivências e histórias que o Lattes não conta*

Emiliana Faria Rosa (Org.)



**Diálogos**

TUTÓIA - 2022

# OS LUGARES POR ONDE PASSEI, A MULHER QUE ME TORNEI

Luciane Bresciani Lopes

DOI: 10.52788/9786589932628.1-3

Escrever livremente. Escrever sobre mim. Escrever para além do espaço acadêmico. Escrever sobre aquilo que não cabe no meu Currículo Lattes. Só escrever. Parece atividade simples, levando em consideração que algumas palavras já foram escritas, mas escrever um texto na primeira pessoa, que não é um memorial acadêmico ou possui relação com determinado tema de pesquisa, assusta.

Assusta o encontro consigo mesma, assusta pois não há nada entre mim e a folha em branco, é somente eu e ela em um movimento de (auto) análise.

Aceito o desafio de despir-se do “academiquês”, mas nem tanto, organizo a escrita desse texto em paisagens. Sim! Lugares de histórias e de encontro comigo mesma. Eu costumo dizer que eu poderia me aposentar pelos quilômetros rodados e não, necessariamente, pelo tempo de serviço.

Sei também que as mulheres que compõem a escrita desse livro possuem, em sua maioria, essa característica, o movimento e os muitos lugares na produção de cada uma. Assim, as paisagens das minhas histórias são: o Vale; a Serra, o Pampa e a Capital.

Alguém pode dizer: “Ah Lu! Tu vais falar de trabalho!” Não! Vou falar de como me tornei a mulher que sou por causa desses lugares, que fui carregada, em algumas situações, pelo trabalho.

## O Vale

Era março de 2009, tudo estava confuso. Eu era uma jovem mulher, com 21 anos, formada há dois anos, com um filho de também dois anos.

Mãe solteira, desempregada, que vivia com meus pais. Uma história parecida com a de muitas mulheres-mães solo, mas é minha, minha história com todas as dificuldades que ainda posso sentir na pele, nos sentimentos enquanto escrevo esse texto.

Minha relação com a língua de sinais, a língua que me salvou, tinha iniciado dois anos antes de março de 2009. Foi essa língua que levou para uma pequena escola de surdos na região do Vale dos Sinos, zona metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

O Vale é um lugar muito bonito, de muita natureza, e o local onde a escola foi construída não era diferente. Árvores, pássaros e uma lomba imensa que exigia folego para encarar. Em algumas épocas do ano recebíamos a visita de tucanos nas árvores ao lado da escola.

Eu tinha que pegar o ônibus às 5h45min, no inverno ainda era noite, junto com tantos trabalhadores que faziam o mesmo caminho. Antes de sair de casa deixava a mamadeira pronta para o meu filho e minha mãe assumia o meu lugar, alimentava e levava o pequeno para a creche.

O ônibus me deixava distante da escola, mas o lugar era belo, já tinha contado isso, então a caminhada era prazerosa, menos nos dias de chuva, nesses eu ficava levemente incomodada, mas eram passos de empoderamento, maturidade, libertação. Terapêutico, eu poderia dizer. Depois de um tempo um amigo, que era colega da escola, comprou um carro, e as coisas ficaram melhores.

Nesse momento entendi que quando um cresce, todos crescem.

Aprendi tanto nesse lugar, entendi o meu lugar no mundo. Me descobri professora, intérprete e mulher forte. Diria que esse é um lugar que visito, em pensamento, não tenho conseguido frequentar presencialmente, para lembrar de onde venho.

Perdi minha mãe quando estava trabalhando lá, quase perdi meu filho. Os melhores amigos do mundo, que eu conheci, inicialmente, na condição de colegas, me colocaram no colo, me deram força e reafirmaram, cotidianamente, que eu não estava só. Minha família, também deu força, mas quando alguém, que não precisa dizer ou fazer, toca o teu coração, é necessário exercer a gratidão.

Segundo a geomorfologia, o vale se caracteriza por um tipo de relevo seria um acidente geográfico. Entre montanhas e terrenos mais altos, o vale se entende, se prolonga e se faz importante para alcançar os lugares mais altos.

A passagem por essa paisagem possibilitou compreender que estar ali significava que estava no caminho, onde eu deveria estar para aprender e me (auto)conhecer. Dizem que para ver as montanhas é necessário conhecer os vales.

## Entre a Serra e o Pampa

A Serra Gaúcha é uma região muito famosa em todo o território brasileiro. Conhecida pela beleza, pelo frio e pela bela comida. Destaca-se pela altitude, um lugar alto onde podemos ver longe e assim foi constituída a passagem por essa paisagem.

O Pampa, por sua vez, não é um relevo, trata-se de bioma. Mas por aqui é como denominamos as regiões dos campos do sul do Brasil. Imensas faixas de terras planas que parecem nos levar ao infinito.

Optei por contar sobre essas duas paisagens conjuntamente pela relação que as duas desempenharam na minha vida. O tempo cronológico

prega algumas peças, fiquei no Pampa durante um ano, nesse período subia a serra, por isso tão próximos emocionalmente e tão distantes geograficamente.

Cheguei nas alturas pela língua de sinais, não poderia ser diferente, convidada para estar lá por um amigo querido. Trabalhei durante longos anos em que ia e vinha toda semana. Lugar de aprendizado, autoconhecimento e experiência ímpar.

Me constitui docente do ensino superior, vi os anos passarem rapidamente enquanto estudava e trabalhava em outros espaços. O caminho, percorrido semanalmente, era lindo, em alguns momentos solitários.

Eu saía de casa na sexta-feira de tarde, quando estava em Porto Alegre, pegava a estrada para a aula do turno da noite e dormia lá. Acordava cedo no sábado e voltava para a minha família.

Se no Vale aprendi contemplar as montanhas, do alto valorizava o lugar de onde vinha. Entendi que nada acontece por acaso, que todo o processo é complexo e doloroso.

Foi quando estava por lá que precisei mudar a rota algumas vezes. Me reinventar e assumir outras demandas, outras responsabilidades.

Entre as mudanças de rota, chego ao Pampa.

Distante de tudo que tinha como certo, como casa. Uma paisagem que me arrancou de qualquer ideia de normalidade e me fez outra com os outros.

Estar distante 320 km da tua casa, deixando um filho pequeno uma semana inteira para morar de favor em outra cidade pode parecer que tudo deu errado. Como assim? Eu caminhei pelo vale, cheguei no alto daquela montanha e agora tenho que viver nessa imensidão de incertezas?

Sim, é exatamente isso. Mergulhar profundamente em si para entender os planos do Universo.

Confuso.

Assim foram os primeiros meses entre idas e vindas para a minha casa, para a Serra. Da (re)conexão comigo mesma e meu pai. Da revolta por não entender o que se passava, até a entrega. Tudo foi intenso. Tudo foi necessário.

Mulher, mãe, intérprete, professora, filha, sobrinha, esposa... como podemos nos vestir de tantos papéis-personagens ao mesmo tempo? Talvez seja essa a magia de ser o que se é.

Foi preciso aprender a dizer não, lutar pelo que se quer, ou se pensa que se quer, para mudar, e continuar a mudar. É no processo de aceitação e de entrega que a vida se (re)fez e volto para a capital, “de mala e cuia” como costumam dizer por aqui.

## “Porto Alegre é demais”

A Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Uma cidade que nunca foi deixada para trás, por vezes foi o meio do caminho. Meu porto seguro, lugar das minhas raízes.

Esse texto também é sobre isso, uma escrita sobre mim, uma escrita para mim. A oportunidade de escrever sobre andanças, sobre a vida que não cabe nos outros textos que compõem os nossos currículos no Lattes, é uma provocação, um desafio, é uma pergunta que ecoa no peito: quem sou eu? O que contar?

Contar sobre Porto Alegre  
Um Porto que me é seguro  
Uma cidade que me faz Alegre

É sobre isso, é sobre o que tudo isso significa. Entre o Vale, a Serra e o Pampa, Porto Alegre sempre foi certeza. Certeza de lar, certeza de que é esse o meu lugar.

Assim, todos os movimentos tiveram como objetivo a volta para casa, o que foi possível no ano de 2015, quando regresso à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Volto para a UFRGS pois já havia passado, à trabalho ou estudo, algumas vezes por lá, em especial na Faculdade de Educação (FACED). Volto. Mas eu poderia afirmar que sempre soube que esse seria o meu lugar ou, melhor, um dos meus lugares no mundo.

Muito tempo antes de entender o que significava aquele grande prédio azul que surge na frente dos nossos olhos ao sair do Túnel da Conceição, vindo do centro ou de outra região, eu sonhei, eu me vi ali dentro. Eu era muito jovem, nem imaginava do que se tratava.

É interessante que nasci e sempre vi por Porto Alegre, ou seja, aquele gigante sempre estive ali. Quando eu fui convidada, por um grande amigo, para entrar naquele prédio, eu parei bem na frente da porta, sob a sombra da famosa árvore em frente à FACED, e disse: eu sabia que um dia nosso encontro se tornaria possível.

Quem sabe a vida, os deslocamentos, encontros e desencontros sejam isso: a possibilidade de nos tornarmos outras pessoas. Digo que para mim, em uma trajetória marcada por quilômetros, distâncias, saídas para o/s encontro/s, a estrada e os lugares me constituíram pela intensidade de cada experiência.